

CULTURA CORPORAL, RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES REALIZADAS NO BLOG DIBRADORAS

CORPORAL CULTURE, GENDER RELATIONS AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: ANALYSIS OF PUBLICATIONS MADE ON THE DIBRADORAS BLOG

CULTURA CORPORAL, RELACIONES DE GÉNERO Y EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: ANÁLISIS DE PUBLICACIONES REALIZADAS EN EL BLOG DIBRADORAS

Ana Clara Bissoli de Lima ¹
Daniel Teixeira Maldonado ²

Manuscrito recebido em: 05 de novembro 2022.

Aprovado em: 13 de fevereiro de 2023.

Publicado em: 01 de maio de 2023.

Resumo

Este estudo possui como objetivo analisar as publicações realizadas no Blog Dibradoras sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais. Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos em ambiente virtual online. Foram analisadas todas as reportagens publicadas no referido meio de comunicação entre os anos de 2015 e 2019. O material empírico foi submetido à análise temática. Os resultados evidenciaram os seguintes temas: momentos históricos que marcaram do esporte feminino, casos de assédio e machismo no esporte feminino, falta de estrutura, investimentos e oportunidades nas modalidades esportivas femininas, engajamento de mulheres para superar as desigualdades no esporte feminino e protestos e iniciativas para incluir meninas e combater o machismo no esporte feminino. É possível concluir que as relações de gênero que atravessam as práticas corporais são temas potentes que precisam ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar, na perspectiva de construir uma sociedade justa.

Palavras-chave: Práticas Corporais; Relações de Gênero; Blog Dibradoras; Educação Física Escolar.

Abstract

This study aims to analyse the publications made on the Blog Dibradoras about gender relations that cross body practices. This is qualitative research on the interpretation of documents in an online virtual environment. All reports published in the aforementioned media between 2015 and 2019 were analysed. The empirical material was subjected to thematic analysis. The results showed

¹ Estudante no Curso Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Bolsista de Iniciação Tecnológica Industrial pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9436-8978> Contato: lima.clarab19@gmail.com

² Doutor em Educação Física pela Universidade São Judas, com Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo. Professor no Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0420-6490> Contato: danielmaldonado@yahoo.com.br

the following themes: historical moments that marked women's sport, cases of harassment and machismo in women's sport, lack of structure, investments and opportunities in women's sports, engagement of women to overcome inequalities in women's sport and protests and initiatives to include girls and fight sexism in women's sport. It is possible to conclude that gender relations that permeate bodily practices are powerful themes that need to be discussed in Physical Education Classes, with a view to building a just society.

Keywords: Corporal Culture; Gender Relations; Blog Dibradoras; School Physical Education.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar las publicaciones realizadas en el Blog Dibradoras sobre las relaciones de género que atraviesan las prácticas corporales. Se trata de una investigación cualitativa sobre la interpretación de documentos en un entorno virtual en línea. Se analizaron todos los reportajes publicados en los medios mencionados entre 2015 y 2019. El material empírico se sometió a análisis temático. Los resultados mostraron los siguientes temas: momentos históricos que marcaron el deporte femenino, casos de acoso y machismo en el deporte femenino, falta de estructura, inversiones y oportunidades en el deporte femenino, compromiso de las mujeres para superar las desigualdades en el deporte femenino y protestas e iniciativas para incluir a las niñas. y luchar contra el sexismo en el deporte femenino. Es posible concluir que las relaciones de género que permean las prácticas corporales son temas poderosos que necesitan ser discutidos en las clases de Educación Física en la escuela, con miras a la construcción de una sociedad justa.

Palabras clave: Cultura Corporal; Relaciones de Género; Blog Dibradoras; Educación Física Escolar.

Introdução

A escola precisa ser um espaço privilegiado para problematizar os conhecimentos de grupos que foram historicamente marginalizados e subjugados em diversos contextos da sociedade. Especificamente nas aulas de Educação Física Escolar, as relações de gênero que atravessam as práticas corporais são temas potentes para efetivar a valorização das mulheres nessas manifestações da cultura corporal, além de problematizar a realidade concreta que elas vivem no mundo das danças, dos esportes, das ginásticas, das lutas, dos jogos e das brincadeiras (MALDONADO, 2021).

Nesse contexto, os currículos da Educação Física Escolar inspirados nas teorias críticas e pós-críticas advogam pela problematização dos marcadores socioculturais contemporâneos que constituem a sociedade nas aulas do componente, destacando a relevância dos atravessamentos de gênero que forjam a cultura das práticas corporais para construção de uma sociedade justa, equitativa e diversa (MALDONADO; FREIRE, 2022; MALDONADO; SILVA; MARTINS, 2022).

Dialogando com essas premissas curriculares, a literatura contemporânea da Educação Física analisou, de forma aprofundada, a temática em tela, apresentando para a comunidade científica reflexões consistentes sobre a vivência de mulheres em diferentes manifestações da cultura corporal em períodos históricos diversificados, tais como o vôlei (DALSIN; GOELNNER, 2007), o boxe (MARIANTE NETO; WENETZ, 2022), a musculação (ARAÚJO; VAZ; BASSANI, 2018), a natação (BAHIA; SILVA, 2018), o handebol (ANDRES; GOELNNER, 2018), a escalada (PEREIRA; SOUTO MAIOR; RAMALLO, 2020) e a corrida de aventura (SILVA *et al.*, 2020), sempre destacando as dificuldades que essas praticantes enfrentaram – devido aos preconceitos e discriminações disseminados em uma sociedade conservadora, patriarcal e que controla o corpo feminino – para continuar vivenciando a gestualidade dessas práticas da cultura corporal.

É notório que a realidade das mulheres que praticam o futebol no Brasil é um dos temas que mais aparecem nas publicações recentes (ALMEIDA, 2019; BIRAN, 2021; MARTINS; SILVA; VASQUEZ, 2021), principalmente por conta dos processos de descontinuidades do aparato legislativo e das políticas públicas brasileiras, da resistência das jogadoras para continuar vivendo de uma modalidade esportiva desvalorizada e do engajamento delas para lutar pelo esporte, mesmo diante de tantos assédios e adversidades sofridas diariamente (GOELLNER, 2021a).

Na perspectiva de contribuir com esse debate, esse estudo possui como objetivo analisar as publicações realizadas no Blog Dibradoras sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais, já que esse meio de comunicação surgiu com a ideia de representar e cobrir as notícias das mulheres em um ambiente que ainda é tão dominado por homens e desde 2015 apresenta e representa o protagonismo feminino em diversificadas modalidades esportivas.

Portanto, nos inspiramos nas investigações de Oliveira e Maldonado (2020) e Aguiar e Maldonado (2021), que analisaram como o futebol feminino foi retratado na Revista Placar e as entrevistas de personagens dessa modalidade esportiva no Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a intencionalidade de construir conhecimentos rigorosos sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais que possam ser analisados com os(as) estudante durante a organização de projetos educativos que envolvem essas temáticas nas aulas de Educação Física na Educação Básica.

Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa (FREITAS; AGUIAR, 2021) de interpretação de documentos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) em ambiente virtual online. Na perspectiva de Lüdke e André (2003), a análise documental se constitui como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um determinado problema. São considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano, sendo que a escolha do material de análise nunca é aleatória. Existe sempre alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando essa seleção.

Assim, essa pesquisa buscou respostas ao objetivo do estudo nos dados verbais das reportagens disponíveis nos endereços digitais do Blog Dibradoras³ e foi efetuada nas seguintes etapas: 1. Exploração das abas e links disponíveis do endereço eletrônico; 2. Localização das reportagens sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais publicadas entre 2015 e 2019; 3. Leitura e seleção de todo o acervo digital que versa sobre a temática da pesquisa; 4. Análise temática 5. Organização dos temas em tabelas e textos descritivos.

O material empírico foi submetido à análise temática, que possibilita fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas. Portanto, a análise temática envolve a busca a partir de um conjunto de materiais, sejam originários de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significados, a partir de um constante movimento de reflexão crítica (BRAUN; CLARKE, 2006).

Utilizamos as seis fases da análise temática nessa pesquisa, como sugerido por Braun e Clarke (2006).

- (i) Fase I - Nos familiarizamos com os dados, mergulhando no material com a intencionalidade de alcançar com profundidade e amplitude o conteúdo.

³ <https://dibradoras.com.br/>

- (ii) Fase II - Produzimos códigos iniciais a partir dos dados.
- (iii) Fase III - Efetivamos todos os códigos que estavam codificados e agrupados no conjunto dos dados.
- (iv) Fase IV - Revisamos os temas e os extratos codificados, produzindo um refinamento da análise temática
- (v) Fase V - Definimos e denominamos os temas
- (vi) Fase VI - Escrevemos os dados produzidos, fornecendo uma análise concisa, coerente e lógica.

A partir da análise de publicações no Blog Dibradoras, foram levantadas 194 reportagens, sendo elas separadas por temas, como é possível observar no quadro a seguir.

Quadro 1 – Temas sobre o esporte feminino problematizados no Blog Dibradoras

Momentos históricos que marcaram o esporte feminino	37 reportagens
Casos de assédio e machismo no esporte feminino	46 reportagens
Falta de estrutura, investimentos e oportunidades nas modalidades esportivas femininas	31 reportagens
Engajamento de mulheres para superar as desigualdades no esporte feminino	48 reportagens
Protestos e iniciativas para incluir meninas e combater o machismo no esporte feminino	32 portagens

Fonte: Produzido pelos(as) autores(as).

Resultados e Discussão

Até meados do século XXI, se instaurou na sociedade a ideia de que a mulher deve ser feminina, doce, delicada e submissa, pois dizer sua opinião, expressar suas vontades e assumir seu próprio corpo era considerado um absurdo pelas pessoas que validavam o discurso patriarcal hegemônico. No entanto, as mulheres ao longo dos anos, foram tomando consciência de que elas podem e devem ser responsáveis pelo seu próprio corpo e suas falas. Essa luta começou em 1848, mais especificamente na primeira onda do feminismo, onde as mulheres reivindicavam pelo seu direito ao voto (LOURO, 2014; PEDRO, 2005). Ainda assim, o voto foi apenas o primeiro passo para muitas lutas que continuam até os dias atuais. Dentre essas demandas por mais espaço na sociedade, o mundo dos esportes e das práticas corporais não se omitiu. Dessa forma, a partir desse momento iremos analisar os discursos disseminados pelo Blog Dibradoras sobre as relações de gênero que atravessam as manifestações da cultura corporal.

- Momentos históricos que marcaram o esporte feminino

Nesse tema são apresentados momentos que marcaram o esporte feminino, sendo apresentadas histórias de mulheres quebrando preconceitos dentro de um universo esportivo tão machista e que impede que elas tenham as mesmas oportunidades, ou até mesmo de assistir um jogo. Essas mulheres mostraram que apesar das dificuldades, ainda sim é possível destacarem-se no esporte mundial.

Goellner (2005) assinala que se comparadas às dos homens, não existem iguais condições de acesso e participação das mulheres no campo das práticas corporais e esportivas. Isto quer dizer que no esporte de rendimento ou no lazer, na visibilidade conferida pela mídia, nas premiações atribuídas aos vencedores e vencedoras que participam de competições profissionais e amadoras a participação da mulher ainda carece de ser valorizada. Visto que ao longo da história do esporte foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos às mulheres e aos homens, tanto para as atletas como para as mulheres envolvidas na gestão e administração esportiva.

Por muito tempo as mulheres foram impedidas de praticarem diferentes modalidades esportivas. Admitiam-se os argumentos de que essas atividades eram tipicamente masculinas e de que o corpo feminino “não estaria preparado” para tamanhos impactos, porém tais pontos de vistas não foram suficientes para impedi-las de alcançarem seus sonhos, seguirem carreiras profissionais e até mesmo serem reconhecidas mundialmente no esporte. Na reportagem “Pela primeira vez, CBF fará premiação igual para homens e mulheres”, é possível observar a falta de reconhecimento que as jogadoras de futebol tiveram que lidar por muito tempo. Nesse contexto, Marta⁴ em uma fala diz “tantas meninas têm os nossos atletas, os meninos, como ídolo”, já que as mulheres dificilmente têm o merecido reconhecimento que deveriam ter pela mídia, que ainda possui traços de um machismo histórico cultural. Em virtude disso, muitas meninas não conseguem sonhar com o esporte.

⁴ Marta já foi escolhida como melhor jogadora de futebol do mundo por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Um recorde não apenas entre mulheres, mas também entre homens. Foi considerada pela Revista *Época* um(a) dos(das) 100 brasileiros(as) mais influentes do ano de 2009. Desde 2015 é a maior artilheira da história da Seleção Brasileira (contando a masculina e a feminina).

A atitude da Confederação Brasileira de Futebol de promover premiações iguais e em uma só cerimônia, para homens e mulheres, é mais uma conquista para o futebol feminino visto que, mesmo sem a estrutura e investimento necessário, o futebol feminino consegue desenvolver ótimas profissionais que batalharam o dobro para chegarem aonde estão, e todo esse esforço apenas pelo fato de serem mulheres. Outro fator importante e que deve ser apontado são as premiações acontecerem em apenas um evento, proporcionando que a mídia não tivesse escolha e prestigiasse as jogadoras da forma como elas merecem.

A desculpa usada pela mídia é a de que o futebol feminino não produzia audiência, porque os telespectadores achavam “chato”, por outro lado os dados negam esta afirmação. Na reportagem “Copa do Mundo feminina bate recorde e supera 1 bilhão de espectadores”, foram levantados dados da FIFA afirmando que na Copa do Mundo feminina na França, a final entre Estados Unidos e Holanda, bateu recorde de audiência e superou as expectativas da organização. O mito “ninguém quer ver futebol feminino” caiu por terra quando a população consegue assistir esses jogos. A mídia, portanto, foi capaz de perceber que futebol feminino é, sim, uma modalidade esportiva para se investir, e que cada vez mais irá alcançar telespectadores(as) e quebrar preconceitos relacionados com as desigualdades de gênero. As jogadoras, por sua vez, aproveitaram a oportunidade de fala e insistiram em ressaltar a falta de investimento que elas são obrigadas a lidar. Além de não haver estrutura suficiente, elas precisaram se provar capazes de jogar tão bem quanto o time masculino a cada jogo.

O Brasil passou por um período de ditadura, de 1964 a 1985, em que o governo militar reprimiu toda e qualquer manifestação de expressão que não fosse de acordo com as suas diretrizes, e com o esporte não foi diferente. Na reportagem “Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura”, as jornalistas Renata Mendonça e Roberta Nina, discutiram como o futebol feminino resistiu após ser proibido por lei, já que era considerado ser um esporte que “vai contra a natureza do corpo feminino”. Devido a essas crenças limites, é visível o atraso do Brasil socialmente e profissionalmente em todos os setores em que esse discurso ganhou força.

Muitos esportes não conseguiram se desenvolver como deveriam e estas marcas são aparentes até os dias atuais. Em contrapartida, existiram mulheres que se negaram a desistir do esporte e formaram uma resistência, driblando a ditadura para vivenciar essas práticas corporais de forma silenciosa, possibilitando que hoje muitas jogadoras tenham acesso a elas.

Mesmo após ter passado por décadas de regimes ditatoriais, o Brasil foi capaz de se desenvolver nos esportes, na medida do possível, entretanto há países em que as mulheres não podem nem pisar dentro de um estádio, por questões culturais, quem dirá jogar. Na reportagem “‘Representa liberdade’: a primeira vez das sauditas no estádio na Copa”, a jornalista Renata Mendonça apresentou um acontecimento histórico. Em alguns países orientais, culturalmente, a mulher é privada de vários direitos e hábitos, que na visão ocidental são normalizadas. Sendo assim, muitas vezes se obtém a percepção de que são países machistas e “atrasados” socialmente. Diante de tal reportagem, é considerável tamanha importância desta conquista, que até mesmo em países exigentes com suas crenças e culturas, as mulheres aos poucos estão conseguindo ter mais voz.

Uma situação similar aconteceu no Irã: a reportagem “Torcedoras iranianas se disfarçam de homens para poderem entrar no estádio” mostrou que após a revolução iraniana as mulheres foram proibidas de muitas coisas, inclusive de ter acesso aos jogos esportivos, porém isso não foi o suficiente para impedi-las. Nas redes sociais, outros torcedores e pessoas pelo mundo todo demonstram apoio às meninas pela atitude de coragem, por mostrarem à sociedade que o lugar das mulheres é onde elas quiserem. Mesmos nesses países que possuem uma cultura mais conservadora, no qual a lei as proíbe de até assistir aos esportes, elas se mostram firmes e decididas a lutarem pelos seus propósitos.

Além das reportagens apresentadas com maior detalhamento, outras publicações também foram alocadas nesse tema, tais como “1º Medalhista olímpica perdeu apoio no boxe e retoma carreira mundial”, “Essa foto chocou o mundo há 20 anos atrás e marcou a história do futebol dos EUA” e “Quem é a primeira menina a jogar na base de um time masculino”. Tais reportagens mostraram que cada vez mais as mulheres estão marcando seu legado na história dos esportes e que mesmo tendo menos oportunidades historicamente, elas ainda fazem seu nome, independentemente das condições sociais impostas, lutando até o fim para ter reconhecimento no mundo das práticas corporais.

Nesse cenário, Goellner (2021b) menciona que mesmo com tantas violências e restrições vividas historicamente pelas mulheres nas práticas esportivas, é preciso reconhecer a luta delas para ganhar espaço e ter reconhecimento no cotidiano machista e sexista dos esportes, desconstruindo o discurso relacionado com a fragilidade biológica feminina como elemento para justificar a sua exclusão. Assim, as jogadoras de diferentes práticas corporais estão transpondo barreiras e, por consequência, ameaçando a supremacia dos homens e o discurso da naturalização das diferenças corporais em todos os contextos da sociedade.

- Casos de assédio e machismo no esporte feminino

Na segunda década do século XXI, as mulheres estão alcançando cada vez mais voz e espaço no mundo esportivo (GOELLNER, 2005). Por outro lado, ainda há casos de machismo, assédio e preconceito contra elas, que são expostas a isso diariamente, e para muito além dos esportes. Nesta seção serão apresentadas as reportagens que problematizam essas dificuldades.

As mulheres são expostas a todos os tipos de violência e desrespeito, seja dentro ou fora de casa, mas em ambientes predominantemente masculinos, a exposição é considerada ainda maior. Na reportagem “Vascaínas relatam xingamentos e ameaças de morte de torcedor”, duas torcedoras deram depoimentos de uma situação em que um homem em grupos de torcida conseguia telefones de mulheres, e ao conversar com elas em mensagens privadas, caso ele recebesse uma resposta que não o agradava, começava as ameaças. É evidente, que este é apenas um dos diversos casos que mulheres sofrem no mundo esportivo. Em uma sociedade estruturalmente machista, em que um homem não consegue se conformar com um “não” de uma mulher, sem cobrar explicações, ou partir para uma atitude violenta, fica claro o quão doentio e distorcidos os seus valores são.

Uma mulher não precisa se explicar por suas decisões, porém é difícil para os homens perceberem que elas não são objetos, mas sim seres humanos iguais a eles. Elas têm opinião, vontades, e principalmente voz, para impor seus limites e não aceitar desrespeitos. Este cenário acaba afetando a experiência das torcedoras que simplesmente querem prestigiar seu time, mas vivenciam situações desconfortáveis e perigosas a todo tempo no estádio.

Esta objetificação do corpo feminino não é recente. Na reportagem “O futebol feminino já foi visto assim - o que diriam dessas imagens hoje?”, foram apresentados diversos casos da sexualização do corpo feminino nos esportes. A Revista Placar, por exemplo, em uma de suas capas, utilizava modelos de mini shorts e tops, para “promover o esporte feminino”, mas a realidade era apenas para atrair olhares masculinos para a revista. Ainda nesses periódicos, muito se discutia sobre a diferença do corpo masculino e feminino, com pontos prós e contras de cada um e sempre o homem “vencia”, pois “existiria” mais vantagens biológicas. Outro caso relatado nesta reportagem foi quando as jogadoras do Santos, em 2001, aceitaram fazer um calendário sensual e um desfile, a fim de dar mais visibilidade ao time.

Diante destes casos fica claro que a objetificação do corpo feminino não é de hoje. Por muito tempo se aceitou a ideia de que mulheres são o “sexo frágil” e praticar esportes iria mudar muito a estrutura corporal feminina e, por esse motivo, não seria possível a inserção delas nos esportes. A partir daí as mulheres foram usadas, literalmente, apenas para atrair o público masculino, seja em calendários, capas de revista, como “cheerleaders”, entre outras estratégias que mostravam apenas o corpo das jogadoras e nada mais.

Ao tentarem provar que elas são muito mais que corpos e rostos bonitos, e que são tão boas quanto um time masculino em qualquer esporte, era levantada a tese de “quanto elas são boas?” afinal elas eram o “sexo frágil”. Perante toda essa questão fica fácil entender a revolta das esportistas sobre todos esses assuntos, que as assombram até os dias de hoje. Mostrar que o esporte feminino não é sinônimo de mulheres bonitas jogando, mas sim profissionais que merecem tanto reconhecimento e respeito como todos os outros é preponderante. Não são mulheres “mostrando seus corpos” para agradar homem, mas jogadoras atuando profissionalmente nas práticas esportivas. Assim, elas lutam todos os dias buscando por mais respeito e dignidade.

A sexualização dos corpos femininos também não é restrita a maioria, isso acontece desde que elas se entendem por gente. Na reportagem “Time italiano sexualiza garotas no campo para 'divulgar esporte feminino’”, um time de futebol masculino, na Itália, utilizou meninas de 14 a 16 anos como gandulas, porém o que mais chamou a atenção

foram as roupas curtas que elas vestiam, sendo absurdamente sexualizadas. Outro fator importante que deve ser ressaltado, é que as meninas faziam parte do time de vôlei desta mesma equipe e segundo o diretor essa seria uma “estratégia” para “divulgar o esporte feminino”.

Essa situação é mais comum do que se imagina, a sexualização de mulheres e ainda de menores de idade é algo recorrente. É difícil para uma sociedade tão sexista entender limites, não basta mulheres adultas já sofrerem com isso, até as adolescentes também precisam lidar com os olhares masculinos de forma distorcida. As meninas são expostas a essa realidade desde muito cedo, e muitas vezes devido a esses comentários e olhares desrespeitosos muitos traumas e desconfortos são refletidos na vida adulta, pois tiveram a inocência roubada.

As mulheres serem vistas apenas como rostos bonitos também faz parte do universo midiático que retrata o mundo esportivo. Na reportagem “TV prioriza mulheres bonitas e perde talentos no esporte, diz Juliana Veiga”, a jornalista conta um pouco da sua história no esporte e alguns casos desconfortáveis que já lidou ao longo de sua carreira. Ela relata dois casos interessantes. Em 2014 quando estava apresentando o Prêmio Bola de Prata da ESPN, o decote de seu vestido chamou muita a atenção da mídia, pois “tirou a atenção” do evento. A sociedade está tão acostumada a criticar e querer controlar o corpo de uma mulher que nem as vestimentas escapam, qualquer mulher tem o direito de usar qualquer roupa, em qualquer lugar que ela se sinta confortável, o decote nunca foi para “chamar a atenção”, nem foi escolhido pela jornalista. Está tão enraizado a crença de que mulheres usam roupas com o corpo mais à mostra para chamar atenção, ou provocar os homens, que a mídia simplesmente não entende que a jornalista usou esse vestido por gosto pessoal, ou por se sentir bem. Tudo sempre é analisado pelo olhar masculino.

Outro caso que Juliana contou foi em um teste que uma mulher com menos conhecimento esportivo do que ela passou, pois ela estava com um vestido justo, chamando a atenção das pessoas que faziam a seleção para o emprego. A televisão preza muito pelas aparências e se esquece de analisar os(as) profissionais comprometidos(as) e apaixonados(as) por suas profissões, assim acabam perdendo muitos talentos. É extremamente preocupante perceber que atualmente a beleza física é mais relevante que

seus conhecimentos e interesses, principalmente para as mulheres que são dadas como “burras e ignorantes por natureza”, ou “mulher não sabe de nada” e precisam provar que são muito mais que só beleza.

No que se diz respeito a temática mulheres no esporte, a discussão pode ir muito além do assédio, preconceito e sexualização de seus corpos, chegando também na temática da maternidade. Na reportagem “As mães recordistas que superaram Bolt e fizeram Mundial histórico em Doha”, Allyson Felix relatou como foi a conciliação da maternidade, junto com a profissão e os desafios enfrentados. Além da atleta ter passado por uma gravidez turbulenta e sua filha nascer prematura, ela teve que lidar com a diminuição de seus patrocínios. Lamentavelmente, esta é a realidade de muitas atletas, mas que não é levada à mídia. O corpo de uma mulher ser o único apto a dar a vida e o sonho de muitas esportistas, mas algumas atletas são obrigadas a abdicar da maternidade, pois tem medo de perderem suas carreiras.

Durante a gravidez o corpo modifica muito, após o parto é incerto, ele pode voltar a ser o mesmo, ou não, por esse motivo muitas atletas perdem os patrocínios e consequentemente, suas carreiras. Felix e Mia Ali mostraram em Doha que é possível ser mãe, atleta, e ainda medalhistas com muito orgulho. Uma mulher, independente de sua profissão, merece ter o direito de escolha sem medo. A sociedade impõe que todas devem ser mães, dedicadas aos filhos, esposas dedicadas ao lar e ao marido, no entanto essas atletas mostraram o contrário, que é possível serem ótimas mães, profissionais, ativistas, e muito mais, pois uma mulher pode ser o que ela quiser sem medo.

Diante de todas reportagens descritas e as que não foram detalhadas, ainda identificamos manchetes como “‘Desligaram meu microfone’: como é ser jornalista esportiva em 47 países”, “O polêmico Charlie Hebdo na Copa Feminina: ‘Não é engraçado, é irritante’” e “São paulina choca Bocardi com algo: “óbvio mulher entende de futebol”, dentre outras que problematizaram casos de assédio e machismo no esporte feminino.

Nessa conjuntura, estudos científicos também demonstraram casos de assédio e machismo em diferentes esportes praticado por mulheres, como o turfe (ADELMAN, 2011), futebol (ROSA *et al.*, 2020), futebol americano (ALENCAR, 2020), polo aquático (SCHULTZ, 2021) e esportes eletrônicos (SANTOS, 2021).

Tendo como base todo conteúdo presente nessas matérias jornalísticas, fica fácil entender tamanha indignação das mulheres que não tem o mínimo de respeito independente da situação. A sociedade insiste em massacrá-las com a massiva crença de que “lugar de mulher é na cozinha”, “foi assediada porque usou roupas provocantes”, “mulher não tem que dar opinião em futebol”, etc. Assim, todas essas mentiras são empurradas para dentro de um “senso comum” na esperança de serem normalizadas, mas na realidade não passam de discursos conservadores e, muitas vezes mentirosos, que afetam e perturbam diretamente a vida de todas as mulheres, independente da sua idade.

- Falta de estrutura, investimentos e oportunidades nas modalidades esportivas femininas

Além da sexualização de seus corpos, falta de reconhecimento, preconceito, entre outros, as mulheres precisam lidar com a falta de investimento e estrutura. Sendo assim, elas são obrigadas a se dedicar muito mais nos esportes, para conseguir o mínimo de destaque, e assim alavancar suas carreiras. Dessa forma, neste tema são apresentadas essas situações.

Muito se fala sobre os grandes times da série A do futebol, no entanto o que pouco se sabe sobre como esses times investem em outros esportes, principalmente nas equipes femininas. Na reportagem “Gestão do Flamengo teve ano ‘quase perfeito’: mas faltou futebol feminino”, foi apresentado o descaso do clube com o futebol feminino. O time era um dos mais bem sucedidos, mas ainda se recusava em investir nas suas jogadoras. A desculpa usada por eles tentando explicar o porquê de as meninas não competirem foi a suposta “falta de dinheiro”, o que é muito difícil para uma equipe que ganhou a Libertadores naquele ano.

Por trás desta “explicação”, existe o medo de investir no esporte feminino e não obter retorno financeiro, o que já foi provado uma mentira, pois os dados da FIFA discutidos em reportagens acima afirmaram o contrário. A descrença no futebol feminino vindo de um time tão relevante, só prova que mesmo as jogadoras se mostrando capazes de jogar tão bem quanto os jogadores, buscando mais oportunidades para melhorarem, o Flamengo não se movimentava, negava oportunidades, impedia o time de crescer, barrava jogadoras de seus sonhos e ainda abdicava do seu próprio desenvolvimento como agremiação esportiva, simplesmente por um preconceito enraizado na sociedade.

Reforçando essa triste realidade, Haag (2018) realizou duas entrevistas com ex-atletas da seleção brasileira de futebol, Aline Pellegrino e Marina Aggio, que constituíram uma carreira de renome dentro de sua área. No estudo, as ex-jogadoras relataram falta de investimento, desigualdade salarial e social, poucas oportunidades, a presença de trabalho informal, direitos não sido exercidos, invisibilidade, dificuldades na profissão, entre outros condicionantes que apontam para uma ampla desvalorização da modalidade esportiva.

Outro ponto muito relevante destacado pelas atletas foi a discussão sobre a falta de escolinhas para as meninas iniciarem o contato com o futebol desde a infância e os reflexos que isso gera futuramente caso optem por levar o esporte como profissão. Mesmo só ingressando em times de renome na adolescência, e ainda nas condições mais favoráveis, há precariedade na técnica, tática, e visão de jogo dessas jogadoras, pois elas só se desenvolveram na medida do possível, o que é muito pouco quando comparado a um time masculino. Por esse motivo, o futebol feminino é dado como “fraco”, ou “chato” na visão do senso comum, um critério sem fundamentos científicos, pois quando associado ao futebol masculino, que recebe todos os holofotes, mídia, reconhecimento, patrocínio e investimento, as atletas não conseguem se desenvolver o suficiente como elas são capazes, porque não existem investimentos de forma igualitária (HAAG, 2018).

Além de muitas atletas terem que lidar com o fato de serem impedidas de competir, quando é dada a oportunidade de um campeonato, não há quem veja. Na reportagem “Marco Aurélio Cunha: Há quem transmita até golfe, mas não futebol feminino”, foi levantada a problemática da falta de transmissoras e patrocínios na respectiva prática corporal. Até mesmo em campeonatos de grande destaque como o Brasileiro, times das séries A1 e A2 não tinham público, pois os(as) torcedores não tinham ciência, e muito menos acesso a anúncio deles. Outro fato relevante e que deve ser apontado são que nas oportunidades que a CBF possuía de divulgar o futebol feminino, a organização não aproveitava e se mostrava indiferente.

O desleixo com a respectiva modalidade esportiva é algo recorrente e que nem mesmo a CBF estava comprometida a mudar, pelo menos em vista de suas ações naquele contexto. E ainda não sendo transmitido, as jogadoras precisam lidar com as críticas de que “futebol feminino é chato”, ou “ninguém quer ver futebol feminino”, mesmo dando tudo de si em campo. Assim, era difícil crescer e dar o seu melhor em meio a tantos comentários e opiniões negativas sem fundamento.

Das poucas mulheres que conseguiram obter destaque no futebol feminino, elas utilizaram a sua voz para levar à mídia um assunto pouco falado, mas que elas são obrigadas a lidar por muito tempo, a desigualdade salarial. Na reportagem “‘Deem às pessoas o que elas querem’: Rapinoe ecoa pedido por igualdade”, a capitã da seleção dos Estados Unidos e campeã da Copa do Mundo feminina realçou o descaso do seu país com a seleção feminina, que trouxe mais títulos e reconhecimento para a casa do que a masculina. Todavia, os valores disponibilizados para arcar com os custos das jogadoras não são nem metade dos dólares que eram investidos nos atletas masculinos.

Após o estádio ser tomado por gritos pedindo “*equal pay*”, ou traduzindo “igualdade salarial”, Rapinoe mencionou sobre a importância desse debate, afinal as meninas deram tudo de si nos campos, se provaram as melhores do mundo, possuem uma torcida enorme, porém foram privadas de seus direitos, recebiam menos apenas por serem mulheres, mesmo fazendo muito mais do que vários outros jogadores, além de lidarem durante toda sua carreira com pessoas julgando, desencorajando, e criticando o porquê de insistirem no futebol. A seleção estadunidense feminina mostrou que uma mulher é capaz de fazer e chegar onde quiser.

O problema da desigualdade salarial vai muito mais além da seleção feminina estadunidense, já que ultrapassa toda e qualquer fronteira geográfica. Na reportagem “Marta ganha em 1 ano o que Borja recebe em 3 meses; o que explica?”, a jornalista Renata Mendonça vai atrás de informações para explicar o porquê a melhor jogadora do mundo faturava em um ano o que um jogador mediano do Palmeiras ganhava em três meses. A explicação foi simples, pois o futebol feminino era recente, então se tornava muito difícil atrair patrocínio e quebrar preconceitos. Nesse contexto, essa luta pode durar em torno de uma década, segundo Erich Beting, referência no marketing esportivo citado na reportagem.

O futebol feminino tem se mostrado cada vez mais um investimento vantajoso, com lucros proporcionais à grandes retornos financeiros. Nesse sentido, alguns times já estão fazendo estratégias para divulgar o esporte, mas muito precisa ser trabalhado em relação ao preconceito que as mulheres sofrem. As jogadoras, por sua vez, estão trabalhando cada vez mais, mostrando resultados ótimos e que são dignos de tal investimento. É só uma questão de tempo até elas vencerem mais essa batalha.

As mulheres que sofrem com desigualdade salarial na maioria das vezes se sentem obrigadas a trabalhar mais, seja a qualquer custo. Na reportagem “Anorexia, desmaios e trabalho de graça: a rotina das cheerleaders da NBA”, algumas ex-líderes de torcida deram depoimento de alguns abusos físicos e psicológicos que elas sofreram, dentre eles: pressão estética, serem humilhadas em público por engordar, desenvolver transtornos alimentares, extrema desigualdade salarial, trabalho exaustivo, entre outros... O culto da magreza é algo extremamente presente na sociedade atual, quanto mais magra melhor, seja a qualquer custo, de qualquer forma, o importante é ser magra, porém pouco se fala sobre os transtornos alimentares que são desenvolvidos ou a tortura com o próprio corpo que se perdura durante toda a vida de uma pessoa.

As dançarinas na liga de basquete norte americana são um reflexo bem exemplificado de mulheres “perfeitas”. Elas são tão vítimas do padrão estético que se torna parte delas, mesmo após terem saído da organização, as crenças da “perfeição” vão estar presente com elas para o resto da vida. Nunca serão boas o suficiente, magras o suficiente, bonitas o suficiente, nunca elas vão estar felizes com elas mesmas, pois se perderam de quem são.

Isso é mais comum do que se imagina, já que as mulheres são ensinadas a sempre estarem dispostas a fazer de tudo para provarem que estão aptas para exercerem uma profissão, sendo que na realidade essa perfeição cobrada é impossível de ser atingida. Todas essas situações e traumas vivenciados e criados pela NBA são na verdade um espelho de uma sociedade patriarcal, que observa a mulher como uma máquina, um objeto, uma peça, mas nunca como ser humano. As mulheres são muito mais questionadas do que incentivadas.

Ainda ressaltamos que matérias como “Onde está o pessoal do futebol feminino após a Copa do Mundo?”, “Essa foto é de um treino de um time profissional de futebol. Dá pra acreditar?”, ou “Estudo da Fifa mostra descaso de anos do Brasil com o futebol feminino” reforçam todas as dificuldades vivenciadas pelas mulheres envolvidas nas modalidades esportivas femininas.

Como não poderia ser diferente, a literatura da área também já evidenciou a falta de estrutura, investimentos e oportunidades em diversas modalidades esportivas femininas, como boxe (CARDOSO; SAMPAIO; SANTOS, 2015), futsal (SOUZA; MARTINS, 2018) e futebol (NUNES, 2022; SOUZA, 2017).

Portanto, a partir dessas reportagens, é possível concluir, que não só o Brasil, mas o mundo todo ainda retrata o esporte feminino como algo inferior e que não merece ser reconhecido, e isso consequentemente ocasiona na reafirmação de um machismo histórico cultural que foi socialmente construído durante anos, mas que perdura até hoje, produzindo preconceitos e discriminações. As jogadoras, por sua vez, lutam praticamente sozinhas pela reivindicação de seus direitos.

- Engajamento de mulheres para superar as desigualdades no esporte feminino

Nesse tema foram apresentadas histórias de atletas que decidiram ir contra o “padrão”. Sendo assim, as mulheres, desde cedo, acabam sendo ensinadas a serem competitivas, mas não por trabalhos, ou estudos, mas sim pela atenção de um homem. No entanto, atualmente esse “padrão” está mudando. Elas estão percebendo que juntas é possível conquistar muitas reivindicações que lutam há anos e que apoiando umas as outras existe um crescimento coletivo.

Em meio a tantos absurdos que acontecem no mundo dos esportes femininos, existem esportistas que acreditam na união e compreensão umas com as outras, pois afinal as mulheres lutam e conquistam tudo juntas. Na reportagem “Mulheres que exaltam mulheres: o exemplo de Osaka e Gauff no US Open”, foi exposta uma situação em que a tenista Osaka foi consolar e conversar com Gauff, sua rival, que estava chorando por ter perdido, mas principalmente pela emoção de ter jogado com um nome tão renomado do tênis. As mulheres são ensinadas a se enxergarem como rivais, comparando umas com as outras a vida toda, e isso sempre foi considerado “natural”. Embora a sociedade pregue que as mulheres são falsas umas com as outras, atualmente elas estão tomando consciência de que não deve e nem precisa ser assim.

Uma mulher passa por muitas situações de machismo e assédio, assim como todas as outras, que precisam batalhar pelos mesmos direitos, querem ser respeitadas da mesma forma, escutam os mesmos absurdos, são ensinadas a se portar da mesma maneira, mesmo não querendo. As mulheres têm muito mais em comum para se unir, do que motivos para se desprezarem. A atitude de Osaka e Gauff só prova isso, que é preciso lutar coletivamente por seus direitos.

Pelo fato de o futebol ser um esporte predominantemente masculino e a visibilidade das jogadoras ser mínima quando comparada com os homens, se torna difícil para as meninas sonharem em um dia serem grandes jogadoras. Na reportagem “Copa da França faz sonho do futebol ser possível também para as mulheres”, a holandesa Lieke Martens conta como foi crescer e não ter uma figura feminina como inspiração. Por esse motivo, quando criança, a jogadora nunca imaginou que estaria onde está hoje em dia, pois simplesmente era algo impossível.

Esta realidade está mudando aos poucos, as jogadoras de times e seleções pelo mundo estão se mostrando cada vez mais ativas e com voz para além do esporte. A falta de uma referência é extremamente relevante principalmente na vida de uma criança, que precisa de exemplos. Antigamente, as meninas sonhavam em ser o Ronaldinho, Messi, Neymar, e poder jogar em times masculinos. Hoje em dia, elas entendem que podem sonhar em ser Marta, Cristiane e Formiga, além de obterem um espaço só para elas. As mulheres podem e devem estar nos espaços que quiserem e servir de exemplo para meninas mais novas, mostrando que juntas já conquistaram muito e vão conquistar ainda mais.

Nesse contexto, Rubio e Veloso (2019) analisaram a história do esporte feminino no Brasil e as mulheres nas lideranças esportivas, anunciando fatos históricos e problematizando o atraso sociocultural do nosso país nas práticas corporais femininas. O primeiro assunto abordado se estrutura em uma análise cronológica da participação das mulheres nas Olimpíadas, que se iniciou em 1932, doze anos depois do país começar a participar dos jogos olímpicos. A figura feminina que estreou e representou as brasileiras em Los Angeles foi Maria Lenk, que foi admitida a participar da competição pelo fato de que sua modalidade, a natação, não ser capaz de “desestruturar” o corpo feminino. Lenk serviu de inspiração para muitas outras mulheres que, aos poucos, foram conquistando mais espaços nas Olimpíadas, até que em Pequim no ano de 2008, de 277 atletas, 133 eram mulheres. Em meio a desse tempo, elas foram proibidas pela legislação de praticar determinados esportes, por serem “masculinos demais”, porém ainda sim houveram agremiações e outras organizações que não desistiram do esporte feminino, e junto com as atletas formaram uma resistência perante a lei e principalmente ao preconceito.

As mulheres conseguirem ser respeitadas em um espaço predominantemente masculino é algo extremamente difícil, obter voz é mais ainda, porém as poucas que se destacam e lideram em uma posição importante, têm ciência de seu poder para ajudar outras pessoas do mesmo gênero. Na reportagem “Não é só o hino: a representatividade de Megan Rapinoe vai além do campo”, é mencionado que a atleta foi indicada como exemplo de ativismo pelos direitos das mulheres e comunidade LGBTQIAP+. Algumas atitudes da capitã da seleção estadunidense de futebol ganharam grande repercussão na mídia e mereceram destaque, como não cantar o hino, em protesto aos Estados Unidos, pois como uma mulher gay, ela não se sentia representada pela nação, ou até em entrevistas no qual o ambiente de jornalistas era majoritariamente masculino e a jogadora faz questão de dar o direito de fala para as jornalistas ali presentes.

Estes são apenas alguns atos simples que Rapinoe adotou, mas que fizeram infinitas diferenças. Transparecer para a sociedade que as mulheres têm uma voz presente no mundo é um ato de coragem, por muitas vezes que tentaram ensinar onde era o lugar delas na estrutura societária, ou seja, submissas, Megan se mostrou uma resistência, firme e persistente nas suas opiniões e crenças, se tornando uma inspiração para outras garotas.

A inserção de meninas no esporte é difícil, o reconhecimento mais ainda, porém quando elas conseguem destaque e mostram ao público de que são capazes de fazer um bom jogo, isso gera estranhamento. Na reportagem “Essas americanas são diferentes mesmo. Parecem um time masculino jogando”, foi aberta a discussão sobre: por que quando mulheres jogam bem elas são comparadas a um time masculino? Só porque são mulheres “naturalmente” não são capazes de jogar bem?

Na sociedade a mulher é tão desencorajada, limitada e taxada como incapaz que quando elas provam ao contrário gera espanto. A seleção de futebol feminino estadunidense é dada como exemplo, as jogadoras têm vários prêmios, virtudes, nomes importantes em seu histórico e mesmo assim geram dúvidas, pois afinal para o pensamento social mulheres não podem ser boas em algo, porque elas sempre “precisam” ser menos do que um homem, pois em uma estrutura social patriarcal, uma mulher ser melhor que um homem é um absurdo. Quando elas conseguem alcançar uma posição de liderança e se provar melhor do que o homem em algo, a sociedade não acredita em suas conquistas, já que elas sempre são questionadas de como conseguiram chegar até lá, uma vez que isso era datado como impossível.

Outro fator relevante é por qual motivo elas sempre são comparadas com o time masculino quando jogam bem, dando a entender que somente os homens são capazes disso. A idolatria a figura masculina sempre existiu, porém ela está sendo desconstruída aos poucos, porque está cada vez mais evidente que a mulher é tão capaz quanto o homem, e ser comparada a eles não deve ser considerado um elogio, e muito menos uma opção. No esporte, é de extrema importância saber diferenciar a história, técnica, e qualidade do futebol feminino e masculino, pois ambos se desenvolveram de maneira bem distinta. Enquanto os homens tinham todo o apoio e base necessária para jogar, as mulheres jogavam do jeito que conseguiam e nem por isso precisam ser consideradas piores que eles.

Enquanto algumas mulheres, ao serem comparadas com homens, consideram isso um elogio, em outros casos essa comparação possui um sentido pejorativo. Na reportagem “Não foi só figurino: a importância da volta de Serena como ‘Pantera Negra’”, foi exibida a volta de um dos maiores nomes do tênis às quadras após uma gravidez e maternidade conturbadas. O que mais chamou a atenção da mídia não foi a volta brilhante de Serena, já dando o seu melhor e estreando com mais uma vitória, mas sim sobre o seu condicionamento físico, mais especificamente o seu corpo no pós parto.

Pela profissão exigir muito do corpo, as pessoas cobram para ver um corpo dentro do padrão, porém elas se esquecem de que o que existe são corpos normais, naturais, com todas as perfeições e imperfeições possíveis. Após a maternidade, o corpo de uma mulher muda muito e o que muitos não compreendem é que essas mudanças são naturais e fazem parte do ciclo da vida de uma mulher. Dessa forma, cobrar que Serena esteja com um corpo no padrão é impossível. Primeiramente, para iniciar esta discussão, é necessário saber se é da vontade da atleta, pois a sociedade está tão acostumada a opinar e querer determinar o que uma mulher deve ou não fazer, que se desconsidera se é a vontade dela ou não voltar a atuar como o rendimento que existia antes da maternidade.

O que atraiu muitos olhares da tenista também foi o seu traje. Ela já vem levantando questões e sendo ativista contra o racismo há muito tempo e a escolha de um traje todo preto foi um confronto com as normas e padrão do tênis, que é um esporte muito elitista. Todavia, a atleta causou esse conflito, transgredindo a cultura da respectiva modalidade esportiva.

Dessa forma, considerando as reportagens apresentadas, fica evidente que mesmo perante todos os preconceitos, barreiras, traumas, violência e machismo com as esportistas, elas ainda se mantêm unidas, pois lutam por uma causa maior, como os seus direitos e respeito. Todas essas ações são exemplos que precisam ser observados, porque mostram que quando há uma causa, crença, fé, ou desejo por algo maior e em comum, nada pode pará-las até atingirem seus objetivos, ainda mais por motivos tão nobres quanto esses. Assim, outras reportagens como “Cristiane: ‘Mexo comigo ver que sou ídolo de uma menina. Eu não tive isso’”, “‘Quero que meninas pretas olhem pra mim e vejam que podem ser as próximas’” e “‘Por que das técnicas mais vencedoras do mundo não pode comandar homens?’” demonstra, com ainda mais força, o engajamento das mulheres para a transformação do esporte feminino.

Ainda destacamos análises científicas que demonstraram a trajetória de Eliane Pereira de Souza, uma das poucas atletas negras da natação brasileira de alto nível e Aída dos Santos, que foi pioneira no atletismo feminino no Brasil (FARIAS, 2011), da Rosiclea Campos, que foi uma técnica vencedora da seleção brasileira de judô feminino (SOUZA *et al.*, 2015) e Dulce Rosalina, considerada a primeira mulher líder de torcida organizada no Brasil e torcedora de maior destaque do Club de Regatas Vasco da Gama (ARAÚJO, 2019).

- Protestos e iniciativas para incluir meninas e combater o machismo no esporte feminino

Neste tema foram apresentadas histórias de pessoas e organizações que decidiram batalhar ao lado das mulheres e impulsioná-las para o seu melhor no esporte, além de mostrarem que elas podem e devem ocupar todos os lugares que quiserem, mesmo com todos os preconceitos que as assombram. Portanto, é possível ter o digno reconhecimento e respeito que merecem.

Em meio a tantos descasos com o esporte feminino, e para além dele como os preconceitos, machismo, assédios, abusos físicos e psicológicos às mulheres, elas ainda conseguem ser fortes, resistentes e não se calar em meio a estes acontecimentos. Na reportagem “Itália combate violência doméstica no futebol e dá exemplo ao Brasil”, foi relatada as ações de alguns times de futebol masculino que se posicionaram contra a violência doméstica, feminicídio, desigualdade de gênero, entre outras pautas. De fato, é de extrema relevância que times tão importantes e com tanta influência propaguem essas

mensagens de apoio às mulheres, contudo isso não é o suficiente. A luta em prol dos direitos e respeito com as mulheres é um assunto que deve ser discutido o ano todo, não somente no dia da mulher, ou dia internacional do combate à violência contra a mulher, pois as pessoas do gênero feminino não sofrem e lidam com esses preconceitos uma vez por ano, isso é diário. É uma atitude dos times que merece reconhecimento, por outro lado vale cobrar dessas mesmas equipes ações que condizem com suas falas.

No que se diz respeito à violência contra a mulher e a reivindicação aos seus direitos, o mundo se volta para o oriente, mais especificamente, para os países do oriente médio. Na reportagem “Julgada pelo “crime” de torcer, iraniana foi morta pelo machismo”, é apresentada sobre um olhar crítico um acontecimento no Irã, em que Sahar Khodayari, ao tentar assistir ao jogo de futebol, se disfarçou de homem e foi pega e condenada por desrespeitar a lei, pois mulheres não podiam frequentar o estádio e muito menos sair sem o hijab. Assim, a iraniana, no dia de seu julgamento, colocou fogo em seu próprio corpo em forma de protesto.

É lamentável, em pleno século XXI, uma mulher se suicidar para chamar a atenção das pessoas sobre um assunto que já deveria ter sido resolvido a muito tempo atrás, o preconceito. Em muitos países orientais, por uma questão sociocultural e religiosa, a mulher ainda é vista como inferior em todos os aspectos em relação ao homem. Por ser uma questão tão delicada e por outras razões diplomáticas, as organizações e países ocidentais tentam desviar do assunto toda vez que ele é problematizado, porém tudo tem um limite e a opressão contra as mulheres já atingiu o seu ápice. Sahar precisou dedicar a sua vida, literalmente, à luta das mulheres pelo direito de ir e vir, pois, é somente nessas medidas drásticas que a sociedade percebe a gravidade de seus atos.

Para as poucas jogadoras prestigiadas e presentes nas seleções de seus países, nenhuma escapava das severas críticas da mídia. Na reportagem “EUA na final: ‘Chamam de arrogância, para nós é autoconfiança e preparação’”, a jornalista Renata Mendonça traz um tema que gerou muita repercussão em uma das Copas do Mundo feminina, a autoconfiança da seleção estadunidense. A seleção de futebol feminino dos Estados Unidos realmente possui um nome de grande peso no esporte, pois as meninas dificilmente decepcionaram e sempre deram o seu melhor em campo, sem contar os diversos troféus, medalhas e títulos que elas levaram para a casa, porém a mídia tem dificuldade em aceitar essa realidade.

A confiança que as jogadoras exibem é constantemente confundida com arrogância, mas e se fosse um homem com essa autoconfiança, haveria esses questionamentos? É difícil afirmar esta questão, pois os homens desde cedo são ensinados a terem essa dedicação, disciplina, compromisso, comprometimento e atitude, e ao assumirem o seu próprio valor é dado como algo natural, porque de fato é. Por oposição a isso, quando uma mulher tem a mesma ação de reconhecer suas conquistas e seu próprio valor, ela é tachada como arrogante e esnobe, visto que, sempre foi ensinada a ser menos do que qualquer um.

É verídico que muitas mulheres passaram pelos mesmos abusos e preconceitos durante a vida toda, porém muitos desses escândalos só estão sendo noticiados recentemente, o que não é de surpreender. Na reportagem “Unidas, jogadoras da Nova Zelândia igualaram salários e derrubaram técnico”, foi noticiada a situação de abusos psicológicos que as jogadoras neozelandesas vivenciaram por muito tempo. 13 atletas da seleção de futebol feminino da Nova Zelândia processaram o técnico, Andreas Heraf, por cometer intimidações e treinar as meninas pela “cultura do medo”. Felizmente, as jogadoras tiveram coragem o suficiente para denunciar esse caso e incentivar outras mulheres a fazerem o mesmo. Diante de abusos ou injustiças não se calarem, pois sempre há quem ouça e apoie a causa. Além dessa denúncia, a seleção feminina também abriu espaço para mais um direito conquistado, a igualdade salarial tão presente na vida profissional das mulheres.

Enquanto alguns técnicos impedem e limitam suas jogadoras de crescer, outros fazem de tudo para alavancar suas carreiras. Na reportagem “Escola de futebol gratuita e exclusiva para meninas? Esse lugar existe”, foi contada um pouco da história de Isaque Guimarães, que criou a ACAFF - Academia de Futebol Feminino. O ex-jogador decidiu criar a escolinha após receber uma menina de 18 anos no antigo espaço em que ele era treinador e perceber que ela tinha muito potencial, mas que não havia oportunidades. Diante essa situação, Isaque percebeu a dificuldade das meninas se inserirem e desenvolverem no esporte, e a partir disso criou a ACAFF, uma Organização Não Governamental focada em dar oportunidades no futebol para meninas de todas as idades. São ações como essas que possibilitam às mulheres a não desistirem do esporte, pois em meio a tantas pessoas querendo desencorajar, há uma esperança, alguém que acredita nelas.

Por fim, matérias como "Final do paulista muda placar para mostrar que as mulheres ganham menos", "#Deixa Ela Trabalhar: a primeira linha de tática de futebol é a do respeito", ou "'Vão lavar a louça': time masculino insulta jogadoras e é retirado de torneio", entre outras, demonstram que ainda há muito o que ser feito dentro das agremiações, mas as atletas e torcidas não se calam perante a tamanhas injustiças. As iniciativas de organizações não governamentais e das pessoas do gênero feminino contra o machismo e pela luta da conquista de mais espaço para as mulheres dentro do esporte pode ser considerado somente o começo da desestruturação de um sistema preferencialmente masculino, mas que está perdendo forças aos poucos e constituindo uma nova percepção e oportunidades para a vivência da gestualidade das práticas corporais pelas mulheres.

Indo ao encontro das reflexões realizadas nessas reportagens, Silva e Nazário (2018) analisaram o protagonismo de um grupo de mulheres atletas na construção de uma das melhores equipes de futsal feminino do Brasil, nos anos 2000, no qual forjaram uma rede de estratégias que investiu em participação em eventos sociais, vínculos com patrocinadores, criação e manutenção de escolinhas pedagógicas e na conquista de espaços midiáticos, possibilitando que as atletas se posicionassem como sujeitos daquela prática e, com isso, problematisassem as clássicas representações nessa prática corporal, cujos sentidos são permeados por marcas de masculinidade.

Da mesma forma, Anjos *et al.* (2018) investigaram uma iniciativa de empoderamento de mulheres por meio do esporte, materializada nas ações desenvolvidas pelo Guerreiras Project. Criado em 2010, este coletivo é formado por atletas, artistas, acadêmico(as) e ativistas que desenvolvem oficinas, pesquisas, performances e exposições visando estimular a justiça de gênero e empoderar mulheres no mundo esportivo e fora dele. Assim, as autoras demonstraram que fundamentada nos feminismos, a ação do coletivo não se limita a reivindicar melhores condições estruturais para a prática do futebol feminino. Esse tema é o modo pelo qual sua equipe se aproxima de públicos diversos com vistas a discutir as desigualdades de gênero presentes na sociedade contemporânea, assim como elaborar estratégias de superação.

Por fim, Elsey (2019) escreveu o artigo intitulado “Energizadas pelo movimento de mulheres #NiUnaMenos, as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina”, relatando, por meio de entrevistas e dados históricos, a formação e consolidação do futebol feminino nos países sul-americanos. O texto discorre sobre a perspectiva das jogadoras diante o descaso com suas profissões e suas atitudes de protesto perante a diversas injustiças. Dentre esses episódios transcritos no texto, é importante fomentar dois em específico: a criação da hashtag⁵ #NiUnaMenos e a origem da organização dos times de futebol feminino na América do Sul.

A #NiUnaMenos é um movimento de caráter feminista que deve como foco proporcionar visibilidade e problematizar os índices de feminicídio na Argentina. No entanto, como a iniciativa possui crenças feministas e busca atender e abraçar todas as demais dificuldades que as mulheres passam na sociedade, a luta não se limitou exclusivamente para o feminicídio, e muitos menos somente na Argentina. A hashtag se estendeu pelos outros demais países da América do Sul e, conseqüentemente, alcançou o mundo das práticas corporais, mais especificamente o futebol, que é tão famoso no continente, porém poucas mulheres têm contato direto (ELSEY, 2019).

Considerações finais

Mediante a tantas reportagens e informações, conclui-se que as mulheres desde de sempre são incentivadas a fazer menos, ser menos, falar menos, mas essas são crenças que estão sendo desconstruídas aos poucos, com muito esforço e empenho de todas as mulheres, dentro e fora do esporte, pois a luta de uma, é a luta de todas. Não basta só a sociedade querer barrar as mulheres, diminuir seu valor, ensinar como elas devem se portar, o que devem falar, como devem agir, nada disso é o suficiente, porque elas estão tomando consciência cada vez mais de sua importância na estrutura societária. Elas são uma parte vital e que não pode ser reprimida. Felizmente, todas as mulheres estão trabalhando juntas e diariamente para um dia conquistarem o respeito, espaço e reconhecimento que foi tirado delas a muito tempo.

⁵ Hashtag é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão.

Trazendo esse contexto para o esporte feminino, juntamente com a análise de todas as reportagens, reivindicações não ficam apartadas desse contexto, já que a luta por investimento, respeito e reconhecimento no esporte feminino foram e continuam constantes. No Brasil, o futebol é a prática corporal mais popular, por isso tem mais espaço para se discutir esses direitos exigidos pelas mulheres. No entanto, eles não podem ser restritos a um esporte. Todas as esportistas do Brasil e do mundo são dignas de respeito e precisam ter os seus direitos assegurados, e o mais importante, garantir a sua voz nessa luta coletiva, para continuar nessa guerra incessante contra o machismo, com a intencionalidade de construir um ambiente de trabalho mais justo, igualitário, solidário e confortável para todos e todas.

Por fim, defendemos que todos os aspectos econômicos, sociais, históricos, políticos, biológicos e fisiológicos sobre as práticas corporais femininas, que foram analisados e debatidos nesse artigo, sejam problematizados nas aulas de Educação Física Escolar, podendo ser esse manuscrito um material potente para inspirar essas reflexões com as crianças, adolescentes, jovens e adultos que frequentam a Educação Básica brasileira.

Referências

ADELMAN, M. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades diferentes. **Revista Estudos Feministas**, v.19, n.3, p.931-953, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000300015>. Acesso em: 31/10/2022.

AGUIAR, D. S. N.; MALDONADO, D. T. Futebol feminino no Brasil: problematizando saberes de resistência nas aulas de Educação Física Escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, v.6, n.3, p.1-25, 2021. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3498>. Acesso em: 28/10/2022.

ALENCAR, S. L. S. **A prática do futebol americano feminino no Brasília Pilots**: comunicação, gênero e assédio. 2020. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ALMEIDA, C. S. O estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **Fulia/UFMG**, v.4, n.1, p.72-87, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14658>. Acesso em: 28/10/2022.

ANDRES, S. S.; GOELLNER, S. V. Trajetórias esportivas de jogadoras de handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. **Movimento**, v.24, n.2, p.527-538, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/79795>. Acesso em: 28/10/2022.

ANJOS, L. A. et al. Guerreiras Project: futebol e empoderamento das mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v.26, n.1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8shcQYnCjtZTFXmP3pbZRNg/?lang=pt>. Acesso em: 29/10/2021.

ARAÚJO, A. M. A.; VAZ, A. F.; BASSANI, J. J. Corpo e identidade: um olhar sobre mulheres praticantes de bodybuilding. **Movimento**, v.24, n.2, p.569-580, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/76213>. Acesso em: 28/10/2022.

ARAÚJO, D. T. **Lugar de mulher é no futebol**: Dulce Rosalina e a representatividade feminina nas torcidas. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

BAHIA, L. M. Santos; SILVA, M. C. P. Relações de gênero no esporte: “o belo sexo”: na competição de natação em mar aberto – travessia mar grande – Salvador, Bahia, Brasil. **Movimento**, v.24, n.3, p.961-972, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/78174>. Acesso em: Acesso em: 28/10/2022.

BIRAN, M. D. As sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC feminino. **Movimento**, v.27, e27005, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109357>. Acesso em: 28/10/2022.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v.3, n.2, p.77-101. 2006.

CARDOSO, B. L. C.; SAMPAIO, T. M. V.; SANTOS, D. S. Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetórias de mulheres atletas. **Movimento**, v.21, n.1, p.139-154, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/46404>. Acesso em: 28/10/2022.

DALSIN, K.; GOELLNER, S. V. O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. **Movimento**, v.12, n.1, p.153-171, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2895>. Acesso em: 28/10/2022.

ELSEY, B. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. **FuLiA/UFMG**, v.4, n.1, p.39-50, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14656>. Acesso em: 31/10/2022.

FARIAS, C. M. Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de mulheres esportistas. **Estudos Feministas**, v.19, n.3, p.911-929, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mytYQc3RQ4Kc4qPGLCpFp4q/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31/10/2022.

FREITAS, I. P. T. D.; AGUIAR, E. P. Construindo caminhos metodológicos: a abordagem qualitativa. **Cenas Educacionais**, v.4, n.e11325, p.1-11, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11325>. Acesso em: 11/02/2023.

GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v.8, n.1, p.85-100, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/106>. Acesso em: 01/11/2022.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: discontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v.27, e27001, 2021a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 28/10/2022.

GOELLNER, S. V. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do centro de pesquisa e formação**, n.13, p.99-112, 2021b. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/dossie-corpos-generos-e-sexualidades-em-defesa-do-direito-das-mulheres-ao-esporte-silvana-vilodre-goellner/>. Acesso em: 01/11/2022.

HAAG, F. R. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mais eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, v.9, n.14, p.141-160, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73997>. Acesso em: 29/10/2022.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2003.

MALDONADO, D. T. Por uma educação física escolar feminista. **Temas em Educação Física Escolar**, v.6, n.1, p.15-38, 2021. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3135>. Acesso em: 28/10/2022.

MALDONADO, D. T.; FREIRE, E. S. Produção curricular na área de Educação Física: possíveis apontamentos de uma virada epistemológica no cotidiano escolar. In: FREIRE, E. S. et al. **Saberes de professores e professoras de Educação Física: docência, pesquisa e o currículo em ação**. Curitiba: CRV, 2022. p. 39-56.

MALDONADO, D. T.; SILVA, M. E. H.; MARTINS, R. M. **Educação Física Escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica**. Curitiba: CRV, 2022.

MARIANTE NETO, F. P.; WENETZ, I. Mulheres no boxe: negociações de masculinidade(s) e feminilidade(s) na academia. **Movimento**, v.28, e28004, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/111694>. Acesso em: 28/10/2022.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v.27, e27006, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109328>. Acesso em: 28/10/2022.

NUNES, R. N. **Uma história sobre as desigualdades de gênero no futebol brasileiro**: o caso da Jogadora “Formiga”. 2022. 52f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Licenciatura em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2022.

OLIVEIRA, M. G.; MALDONADO, D. T. Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a Educação Física no Ensino Médio. **Motrivivência**, v.32, n.63, p.1-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/73498>. Acesso em: 28/10/2022.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, v.24, n.1, 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11/02/2023.

PEREIRA, D. W.; SOUTO MAIOR, Y. B.; RAMALLO, B. T. Perfil das mulheres escaladoras brasileiras, entre homens e montanhas. **Movimento**, v.26, e26077, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/104869>. Acesso em: 28/10/2022.

ROSA, M. V. et al. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. **Revista Gênero**, v.21, n.1, p.190-218, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/46923>. Acesso em: 31/10/2022.

RUBIO, K.; VELOSO, R. C. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n.122, p.49-62, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/162617>. Acesso em: 31/10/2022.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v.1, n.1, 2009.

SANTOS, L. D. G. **Mulheres e games**: Um estudo sobre a objetificação das mulheres nos jogos eletrônicos. 2021. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

SCHULTZ, M. Machismo: toxina que degrada o meio esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.35, n.esp., p.71-76, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/187907>. Acesso em: 31/10/2022.

SILVA, A. L. S.; NAZÁRIO, P. A. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v.26, n.1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/jPWFxS6LTsndSZ9VBXXRpMC/?lang=pt>. Acesso em: 30/10/2022.

SILVA, F. D. et al. Memórias de Atenah: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura. **Movimento**, v.26, e26076, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/100848>. Acesso em: 31/01/2021.

SOUZA, A. C. F.; MARTINS, M. Z. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, v.21, n.1, p.26-39, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/45075>. Acesso em: 11/02/2023.

SOUZA, G. C. et al. Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v.23, n.2, p.409-429, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/38865>. Acesso em: 31/10/2022.

SOUZA, M. T. O. “**Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar**” - atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Curitiba, 2017.